



A DISPERSÃO DA CULTURA E DA IDENTIDADE NO PROCESSO EDUCACIONAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO RIO GENIPAUBA.

AUTOR 1 Damião Rodrigues dos Santos¹

Instituição- UFPA/ Abaetetuba email-dm.rodrigues@hotmail.com

AUTOR 2 Jairo Oliveira Rosa²

Instituição- UFPA/ Abaetetuba email jairooliveiraufpa@gmail.com

AUTOR 3 Renato Carvalho Barros³Instituição-

UFPA/ Abaetetuba email-renato.carvalho28@outlook.com

Orientador: Jones da Silva Gomes Instituição⁴-

UFPA- ABAETETUBA email: jones@ufpa.br

GT 11: Educação do Campo, Pedagogias do Campo

RESUMO: Este trabalho é o resultado de pesquisa realizada em uma escola localizada no meio rural do Município de Abaetetuba, com o objetivo de analisar como está sendo trabalhada a cultura e a identidade dentro da escola, observando sua relação com a comunidade e refletindo sobre a escola do campo como importante promotora de vínculo dos alunos com sua cultura, possibilitando, assim, um percurso do reconhecimento de suas histórias e costumes, através do relato dos moradores da comunidade. Esta investigação foi produzida através de levantamentos bibliográficos de cunho qualitativo, utilizando para embasamento teórico autores como: Freire (1996), Caldart (2008) Cuche (1999), Ricouer (2002) entre outros, com a aplicabilidade do método da história oral realizamos entrevistas com cinco moradores da comunidade quilombola do rio Genipauba, região de ilhas da cidade de Abaetetuba e constatamos uma dispersão cultural na forma como vem sendo percebida pelos moradores a relação escola e comunidade, saberes locais e sociedades rurais, o eu inviabiliza um maior enraizamento do jovem com sua identidade camponesa, neste caso, quilombola

Palavras-Chave: Cultura. Identidade quilombola. Escola do Campo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu com o intuito de identificar se a escola contribui com a realidade da identidade e da cultura do aluno, visto que tem especificidade devido a escola ser localizada em uma terra de remanescentes quilombo, rio Genipauba na Cidade de Abaetetuba-PA, ou seja, está possui suas raízes cheias de costumes, tradições e histórias oriundos do mundo rural na Amazônia. Em uma época em que a cultura local se tornam cada vez mais desvalorizadas, percebemos a seriedade de buscar o reconhecimento de seu ensino nas escolas do campo, muitos são os fatores que provocaram esta problemática como: a falta de preparação e interesse dos professores em discutir tais temas dentro de sala de aula, assim como, também a valorização da grade curricular que infelizmente não inclui o ensino da

¹Graduando do curso de Licenciatura Em Educação Do Campo Com Habilitação em Ciências Naturais pela Universidade Federal Do Pará-UFPA

²Graduando do curso de Licenciatura Em Educação Do Campo Com Habilitação em Ciências Naturais pela Universidade Federal Do Pará-UFPA

³Graduando do curso de Licenciatura Em Educação Do Campo Com Habilitação em Ciências Naturais pela Universidade Federal Do Pará-UFPA

⁴ Doutor em Ciências Sociais e professor de Sociologia do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.



identidade cultural, como um traço local e possibilite a comunicação e a resolução dos problemas oriundos de uma democracia deficitária. A chegada dos meios tecnológicos que adentram as comunidades rurais, porém não com a mesma frequência da zona urbana, faz com que as comunidades esqueçam de seus costumes, entendidos aqui como uma bagagem cultural e pode ir desde os modos de fazer: telhas, tijolos, matapis, redes de pesca, casas, canoas, as procissões, festas, brinquedos, narrativas, música, danças, alimentos. Ora, se se perde a capacidade de reconhecer-se como tal nestes fazeres, perde-se o sentido do pertencimento que ainda regem as questões identitárias nas comunidades ribeirinhas em que encontramos as escolas do campo. Ora, se buscamos manter o jovem no campo a fim de garantir-lhe a vida social e individual com dignidade, e, ao mesmo tempo volta-lo para as perspectivas planetárias, veremos que a questão do lugar da cultura na vida do indivíduo torna-se fundamental para a identificação de grupos e suas memórias.

METODOLOGIA

Para a construção deste artigo refletimos sobre a cultura como identidade e sua interface com a formação nas escolas do campo, observamos o quanto ainda é predominante a cultura global-urbanos em detrimento do local no currículo desta escola, dificultando a inserção do jovem do campo nos processos democráticos, bem como, no reconhecimento de suas referências culturais. Esta investigação foi produzida através de levantamentos bibliográficos de cunho qualitativo, utilizando para embasamento teórico autores como: Freire (1996), Caldart (2008) Cuche (1999), Ricouer (2002) entre outros, utilizamos também procedimentos metodológicos o método da História Oral que segundo Meihy (2002, p.13) é “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos”. Fizemos entrevistas com 05 moradores da comunidade quilombola do rio Genipauba, região de ilhas da cidade de Abaetetuba e constatamos uma dispersão cultural na forma como vem sendo percebida pelos moradores a relação escola e comunidade, saberes locais e sociedades rurais, o que inviabiliza um maior enraizamento do jovem com sua identidade camponesa, neste caso, quilombola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos o trabalho de pesquisa falando um pouco da cultura como um conjunto de fatores que inclui arte, hábitos, costumes, religiosidade, danças, músicas entre outras artes



adquiridos pelo ser humano, não só em família mais também na vida social. Visando este estudo, a cultura desenvolvida no quilombo do rio Genipauba envolve, por exemplo, a agricultura familiar foi passada de pai para filho, segundo um morador do quilombo “A maioria das pessoas começaram a trabalhar desde os 10 anos de idade juntos com os pais e avós, o modo de vida era muito precário, pois não se tinha nenhuma assistência seja de projeto e/ou programas dos governos municipal, estadual e federal, o que se tinha muita terra boa para trabalhar, hoje o clima está mudado, temperatura muito quente a terra enfraqueceu, com isso diminuiu a produção, a qualidade e a quantidade dos produtos da agricultura familiar, a gente já se cria nesse trabalho, faz plantação com o pai, a mãe, os avós. Vai juntar miriti, apanhar açai e na verdade nascemos nessa realidade, é uma coisa repassada de pai para filho (de geração para geração) e isso é uma coisa que fica na história da gente, nos diz uma outra moradora”. Ora, os próprios saberes ligados a terra, o cultivo de determinadas crenças em detrimento de outras, são próprios de conhecimentos locais, eu a exemplo de (GEERTZ, 1997) representam um microcosmo de significação para o indivíduo, acreditamos que este processo vem sendo interrompido pela dispersão das identidades no mundo contemporâneo, que dificultam uma formação nas escolas do mundo rural amazônico. Pode-se dizer que a identidade, entendido aqui como um conjunto de saberes locais, está intimamente ligada aos indivíduos já que é: “com os elementos constitutivos da identidade étnica e cultural, entre os quais as características fenotípicas e as qualidades psicológicas que dependem da mentalidade, do gênio próprio do povo ao qual ele pertence” (CUCHE, 1999, p. 177). Assim podemos verificar como estão correlacionados a identidade ao pertencimento, pois nossa identidade está ligada com nossa cultura estando presente na história de nossos antepassados, é o que ocorre na comunidade quilombola do Rio Genipauba, que tem uma história originária nos antigos quilombos. Nesta perspectiva a comunidade buscou reconhecer a sua identidade cultural enraizada na formação de grupos negros que buscaram no passado afirmar-se em sua cultura advinda da África e que hoje ganham uma conotação contemporânea, ou seja, o que significa ser um quilombola hoje? Um morador da comunidade que na época era presidente da ARQUIA (associação das comunidades remanescentes de quilombos das ilhas de Abaetetuba) reitera essa estreita relação entre escola e comunidade, história e cultura, saberes e fazeres constitutivos de seus povos que incidem sobre os direitos aos seus territórios, de forma particular o do reconhecimento de sua cultura local. Mas, como anda a escola do campo? Já que considera-se a educação como



fator de acesso a este reconhecimento, o eu ela tem feito a este respeito? A educação do campo apesar de ser um campo novo que demonstra um método diferenciado, onde há uma conexão entre o campo científico e o local polarizam alternâncias, exige, por exemplo, que o professor que trabalha no meio rural deva conhecer o local em que o aluno vive para poder nele despertar a vontade de reconhecer sua cultura, as características de seu meio; e ainda mais, para que o aluno possa saber viver nesse espaço e, quando se tornar adulto, ser um trabalhador digno do campo, que conheça e saiba utilizar as riquezas de sua terra, o que não seria possível àquela criança que recebeu uma educação apenas pautada no currículo urbano. Além disso, a escola é o local no qual o aluno entrará em contato com as realidades de outros lugares e terá acesso aos conhecimentos construídos socialmente na trajetória humana. Fazendo um estudo sobre a educação, buscamos fazer uma comparação sobre a situação da educação no passado e atualmente, vimos que antigamente a maioria dos pais de família não frequentavam a escola, pois naquela época infelizmente a situação educacional era bem precária, mas a vida comunitária erguida no quilombo permitia a vivência de uma solidariedade, é o que nos conta um morador: A situação social antes era vivenciada sem ter conhecimento, mas existia a solidariedade, as famílias faziam mutirão para ajudar os outros com serviços, trabalho no que desrespeito a produção, não tinha escola, às vezes acontecia que aparecia pessoa que sabia ler, os pais se juntavam e pagavam pra dar aula pros filhos geralmente [...]. A fragilidade do ensino básico implica na exacerbada competição, individualismo, fragmentação de conhecimentos, que por si só não resolvem a problemática do currículo da escola do campo, podendo levar a desarticulação com a cultura local e os saberes dos camponeses. Deste modo, pensar em uma escola voltada para o mundo rural requer a contextualização do conhecimento, o eu de certa forma não vem ocorrendo face o processo de dispersão cultural identificados nas comunidades rurais, como a do rio Genipauba. Por outro lado, acreditamos que a participação da comunidade nos projetos e programas escolares possibilita a socialização, a valorização da cultura e da identidade dos alunos da localidade, deixando clara a importância do conhecimento local que a escola pode proporcionar e contribuir com a comunidade e os educandos por meio dessas atividades, tal como as diretrizes operacionais para as escolas do campo preveem. Fazendo uma comparação com a fala da gestora escolar e uma moradora da localidade, podemos perceber que a escola e comunidade estão ainda dispersos o que se refere a construção formativa destes saberes locais: “Nas ilhas as dificuldades são grandes as vezes a gente não tem o apoio



da comunidade e quando se tem e meio termo, mas as dificuldades em si mesmo a gente não encontra, se a gente for colocar para fora, a gente não encontra dificuldades, pois essas dificuldades podem ser superadas”. Já outra moradora nos afirma: “Se a escola fosse mais aberta, dialogasse com as famílias da comunidade de modo geral, teria uma grande melhoria na educação de nossas crianças”. Através da análise das falas podemos perceber que a escola está distanciada da comunidade e a comunidade da escola e não há uma relação de compartilhamento de ideias entre elas. O que vai contra a dinâmica da educação do campo que diz que comunidade e escola tem que andar lado a lado em prol de uma melhor educação coletiva para o desenvolvimento local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscou se discutir o ensino da cultura e da identidade no contexto da relação entre comunidade e escola, e o afastamento entre ambos ficou evidente, foi perceptível que a comunidade possui uma história rica em tradição e costumes e essa falta de cooperação acabar por contribuir com a nossa problemática de não se trabalhar cultura e nem identidade na escola, visamos que não há o processo de contextualização do conhecimento científico com o conhecimento empírico com relação a história local. Através dessa pesquisa foi possível afirmar que escola e cultura andam em passos contrários, ou seja, por meio de nossa investigação podemos perceber que há uma desvalorização da identidade onde não há um mínimo de consenso entre comunidade e escola fazendo com que a educação do campo neste local não avance, e a relação teoria e prática não aconteça. Além disso, foi percebido que muitas tradições que eram frequentes na comunidade já não existem mais e hábitos que não eram comuns desse grupo social estão sendo inseridos dentro da comunidade com o avanço das tecnologias, desvalorizando a própria cultura e história.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. Formação de educadores do Campo. Mimeo, Brasília DF. 2005.
- ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). Por uma Educação do campo: traços de uma identidade em construção. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOSI, A. Formação ideológica na cultura brasileira. In: E. Avançados, nº 25, set.-dez. 1995.
- CUCHE, Denys. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 1999.
- MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 13.